

O QUE HÁ DE NOVO NO NEO-HUMANISMO? A FILOSOFIA TRANSMODERNA E DESCOLONIAL DE P.R. SARKAR

WHAT'S NEW IN NEOHUMANISM? THE TRANSMODERN AND DECOLONIAL
PHILOSOPHY OF P.R. SARKAR

¿QUÉ HAY DE NUEVO EN EL NEO-HUMANISMO? LA FILOSOFIA
TRANSMODERNA Y DESCOLONIAL DE P.R. SARKAR

Marco Alexandre de Oliveira¹

Resumo: O neo-humanismo é uma filosofia idealizada pelo eminente pensador indiano Prabhat Ranjan Sarkar que promove tanto uma revisão quanto uma reformulação do humanismo clássico, e que assim pode ser caracterizado como um modo de pensar e agir ao mesmo tempo transmoderno, por renovar os fundamentos da modernidade a partir de uma posição de alteridade, e decolonial, por desconstruir as bases da colonialidade a partir de uma condição de subalternidade. Com o seu discurso visionário e até revolucionário, o neo-humanismo então se configura como *outra* forma de conhecimento, um pensamento “outro”, a expressão renovada da epistemologia tântrica – ou da ciência de yoga milenar – a partir da qual foi concebido e elaborado como filosofia primordialmente espiritual, e profundamente mística.

Palavras-chave: neo-humanismo. Prabhat Ranjan Sarkar. transmodernidade. decolonialidade. humanismo.

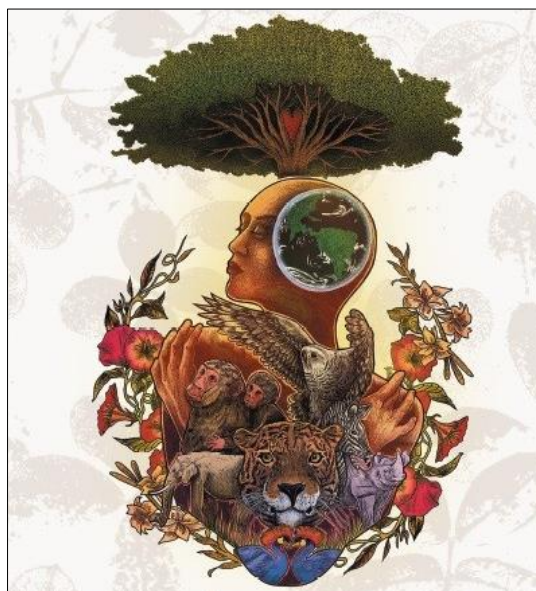
Abstract: Neo-humanism is a philosophy developed by the eminent Indian thinker Prabhat Ranjan Sarkar that promotes both a revision and a reformulation of classical humanism, and that can thus be characterized as a way of thinking and acting which is at the same time transmodern, for renewing the foundations of modernity from a position of alterity, and decolonial, for deconstructing the bases of coloniality from a condition of subalternity. With its visionary and even revolutionary discourse, neo-humanism thereby represents another form of knowledge, an “other” thinking, the renewed expression of the tantric epistemology – or ancient science of yoga – from which it was conceived and elaborated as a primarily spiritual and profoundly mystical philosophy.

Keywords: neohumanism. Prabhat Ranjan Sarkar. transmodernity. decoloniality. humanism.

¹ Marco Alexandre de Oliveira é Doutor em Literatura Comparada e Mestre em Línguas e Literaturas Neolatinas pela Universidade da Carolina do Norte (EUA), e Bacharel em Ciência da Religião pela Universidade da Carolina do Sul (EUA). É escritor, tradutor e professor de língua, literatura e cultura. E-mail: marco.oliveira.phd@gmail.com.

Resumen: El neohumanismo es una filosofía desarrollada por el eminente pensador hindú Prabhat Ranjan Sarkar que promueve tanto una revisión como una reformulación del humanismo clásico y que puede, así, definirse como una forma de pensar y actuar a la vez transmoderna, por renovar los fundamentos de la modernidad desde una posición de alteridad, y decolonial, por deconstruir las bases de la colonialidad desde una condición de subalternidad. Con su discurso visionario e incluso revolucionario, el neohumanismo se configura, entonces, como otra forma de conocimiento, un pensamiento “otro”, la expresión renovada de la epistemología tántrica —o la antigua ciencia del yoga—, a partir de la cual fue concebido y elaborado como una filosofía primordialmente espiritual y profundamente mística.

Palabras clave: neo-humanismo. Prabhat Ranjan Sarkar. transmodernidad. decolonialidad. humanismo.



*sam'gacchadvam' sam'vadadhvam'
 sam'vomanam' si janatam
 devabhagam' yatha' purve
 sam'jana'na' upa'sate
 sam'ani va' akuti
 sama'na hridayani vah
 sama'nama'stu vomano
 yatha vah susaha'sati*

— Rg Veda 10-191²

² Imagem retirada da capa de uma edição do livro *A liberação do intelecto: Neo-humanismo*. Significado do mantra: “Movamo-nos unidos,/ Irradiemos um só pensamento,/ E conheçamos nossas mentes juntos,/ Compartilhemos nossas riquezas, como os sábios antigos/ Para que todos desfrutem do universo,/ Que nossas aspirações estejam integradas./ Que nossos corações se tornem inseparáveis./ Que nossas mentes formem uma mente única,/ Para que convivamos em harmonia e/ Alcancemos a união com o supremo”. (Fonte: <http://brasil.anandamarg.org/mantras.php>)

O neo-humanismo é uma filosofia idealizada pelo eminente pensador indiano Prabhat Ranjan Sarkar (1921-1990), mais conhecido como o mestre espiritual e guru tântrico Shrii Shrii Ánandamúrti (“a personificação da bem-aventurança”). Fundador da organização sócio-espiritual Ananda Marga, cujo lema em sânscrito – *Atma moksartham jagat hitaya ca* – significa “autorrealização e serviço à humanidade”, Sarkar elaborou alguns dos princípios do neo-humanismo no livro *A Liberação Do Intelecto – Neo-humanismo (Liberation of Intellect – Neo-Humanism, 1982)*, volume composto de uma série de discursos elucidando o tema em questão. Baseado em uma espécie de amor universal (*universalis* = relativo ao universo, ao todo) e radical (*radicalis* = relativo à raiz, à origem), o neo-humanismo promove tanto uma revisão quanto uma reformulação do humanismo clássico, e assim pode ser caracterizado como um modo de pensar e agir ao mesmo tempo transmoderno, por renovar os fundamentos da modernidade a partir de uma posição de alteridade, e descolonial, por desconstruir as bases da colonialidade a partir de uma condição de subalternidade.



Conforme o nome já indica, o neo-humanismo foi basicamente definido pelo próprio Sarkar como uma continuação ou extensão do projeto humanista:

[...] quando o espírito subjacente ao Humanismo é estendido a todas as coisas deste universo, animadas e inanimadas –, a isso eu denominei “Neo-Humanismo”. Esse Neo-Humanismo elevará o Humanismo ao Universalismo, o culto do amor por todos os seres criados deste universo. (2020, p. 6-7)

O humanismo, por sua vez, foi um movimento renascentista baseado no conceito romano de *humanitas*, elaborado pelo filósofo Cícero, e correspondia em parte ao conceito grego de *paideia* (educação), que na antiguidade se referia ao sistema clássico de ensino caracterizado pelo estudo de disciplinas como a filosofia, a gramática, a retórica, a música, a matemática, a geografia, a história natural e até a ginástica, todas

visando a formação do cidadão completo e perfeito. Já o *humanitas*, que se relaciona aos termos atuais *humano* e *humanidade*, diz respeito ao desenvolvimento das virtudes e da ética-moral, promovendo o equilíbrio entre o pensamento e a ação, por um lado, e entre o individual e o social, por outro. Durante o Renascimento, quando a intelligentsia europeia (re)descobriu a literatura clássica greco-romana, os *studia humanitatis* ou “estudos da humanidade” (res)surgiram através de disciplinas como a gramática, a retórica, a poesia, a história e a filosofia moral, que posteriormente formariam a base do currículo das chamadas “humanidades” ou “ciências humanas” nas universidades modernas e contemporâneas. Fundado no conceito de *humanitas*, portanto, o humanismo sempre deu ênfase à educação para a formação plena e integral do ser humano, com todas as suas qualidades.

Assim como no humanismo clássico, tanto o “estudo” quanto a “razão” (ou a “lógica”) são fundamentais para o neo-humanismo elaborado por Sarkar, que considera o estudo como “análise intelectual intensiva”, ou a “assimilação interna, a assimilação subjetiva de acontecimentos objetivos” (*Ibidem*, p. 69). Para Sarkar há, de fato, dois tipos de estudo, ambos igualmente importantes e necessários: o textual (i.e. a partir da leitura) e o não-textual (i.e. a partir da escuta e da interpretação do mundo material). Em suma, segundo Sarkar, “a importância do estudo é tremenda” e o “conhecimento deve ser disseminado por todos os segmentos da sociedade”, não apenas “para que todos possam julgar tudo à luz da verdade”, mas também para que “desfrutem do doce sabor da liberdade intelectual” (*Ibidem*, p. 72-74). Se o primeiro “passo” para o estabelecimento do neo-humanismo seria o estudo, o segundo seria a “mentalidade racionalista”, criada a partir da “análise racional” dos aspectos ditos positivos e negativos do conhecimento e da “decisão lógica” sobre a sua eventual implementação ou não em prol do bem-estar universal (*Ibidem*, p. 74-75). Ao completar esse processo de “raciocínio lógico”, o ser humano finalmente conseguiria despertar a sua consciência (*Ibidem*, p.76). De acordo com Sarkar, em termos expressamente (neo-)humanistas, “esse estado de consciência desperta é o que se chama de ‘mentalidade racionalista’”.

Na esteira da “Idade das Trevas”, assim denominada pelos próprios humanistas, o humanismo renascentista, almejando o universal, partia da formação individual para a transformação social à luz da Razão, inicialmente na Europa e posteriormente ao redor do mundo, através da sua pretensa missão civilizatória. Infelizmente, esse humanismo assumidamente iluminado sofria do que Sarkar chamaria de “geo-sentimento” (i.e. a

identificação com um determinado local geográfico) e de “sócio-sentimento” (i.e. a identificação com um determinado grupo sociológico), enquanto o seu universalismo presumidamente civilizado refletia um eurocentrismo predominantemente *branco, macho e cristão* que conquistava o(s) espaço(s) e o(s) tempo(s) das Américas, da África, da Ásia e até da Oceania através do imperialismo e do colonialismo estabelecidos durante a Modernidade, instaurada a partir do Renascimento dos séculos XV-XVI e instituída a partir do Iluminismo dos séculos XVII-XVIII. De forma contraditoriamente desumana, os *outros* seres humanos foram ora desclassificados como não humanos, ora classificados como sub-humanos pelo que Sarkar chamaria de “pseudo-humanismo”, como nos casos dos ameríndios exterminados e/ou aculturados, os africanos escravizados e/ou discriminados e os asiáticos explorados e/ou exotizados.

Ao desvendar ou desmascarar esse lado “escuro” da modernidade, como diria o semiólogo argentino Walter D Mignolo (2017), o conceito de transmodernidade elaborado pelo filósofo argentino Enrique Dussel (2016), entre outros, busca transcender (ou descolonizar) a retórica de uma única modernidade eurocêntrica e universal para então realizar (ou imaginar) uma modernidade descentrada e pluriversal. A partir dessa relativamente nova e determinadamente outra perspectiva transmoderna e descolonial, o humanismo revela-se como “uma ideologia mentirosa, a requintada justificação” do colonialismo, segundo escreve o filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre no prefácio do livro *Os condenados da terra (Les Damnés de la Terre, 1961)* escrito pelo psiquiatra martiniquenho Frantz Fanon, intelectual e militante do movimento de descolonização (1968, p. 16-17). Esse falso ou *pseudo* humanismo inerente às diversas formas do imperialismo/colonialismo integraria à chamada “colonialidade de poder”, conceito elaborado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), uma “matriz” que por sua vez constituiria a base da modernidade e do sistema global atual. Através da descolonização, que na verdade seria a “criação de homens novos” (*Ibidem*, p. 26), Fanon deslumbrava a formação ou o surgimento de um “mundo novo” (*Ibidem*, p. 33) e até de uma “nova humanidade”:

Esta nova humanidade, para si e para os outros, não pode deixar de definir um novo humanismo. Nos objetivos e nos métodos da luta está prefigurado esse novo humanismo. Um combate que mobiliza todas as camadas do povo, que exprime as intenções e as impaciências do povo, que não receia apoiar-se quase exclusivamente nesse povo, é necessariamente triunfante. O valor de tal tipo de combate reside no fato de que ele cria o máximo de condições para o desenvolvimento e a invenção culturais. (*Ibidem*, p. 205)

Assim, pela perspectiva descolonial de Fanon e do seu outro e “novo” humanismo, a “grande noite em que estivemos mergulhados” se transformaria no “dia novo que já desponta [e que] deve encontrar-nos firmes, avisados e resolutos” (*Ibidem*, p. 271).



Ainda na perspectiva descolonial que ganhou força a partir dos anos 60, surgiu o neo-humanismo proposto por Sarkar, que de certo modo ecoa os pensamentos e sentimentos de Fanon ao dizer que “[i]ndependentemente do grau de escuridão cimeriana, a aurora carmesim virá em seguida” (2016, p. 42). De fato, o neo-humanismo de Sarkar constitui uma crítica implícita ao (pseudo-)humanismo caracterizado por complexos de inferioridade da parte dos colonizados e complexos de superioridade da parte dos colonizadores. Segundo Sarkar, estes “perpetuam a exploração na esfera social injetando um complexo de medo nas mentes das pessoas que desejam explorar” (2020, p. 45). O propósito dessa “injeção” do complexo de inferioridade nas mentes dos colonizados seria evidentemente a exploração em suas múltiplas formas, principalmente a psíquica (ou psicológica) mas também a econômica, política e cultural. A história mundial assim demonstraria que “sempre quando um grupo explorava outro na esfera econômica, eles primeiro criavam exploração psíquica pela infusão de complexos de inferioridade nas mentes da massa explorada” (*Ibidem*, p. 48). Em outras palavras, haveria de se constatar que “em cada caso de exploração econômica, a exploração psíquica foi a base”. No final das contas, seja no capitalismo, seja no (neo-)colonialismo, a história da humanidade assim se resumiria, no olhar de Sarkar, a “uma tentativa contínua e ardilosa de criar complexos de inferioridade nas mentes dos explorados”.

Ao mesmo tempo em que representa um propósito descolonial, o neo-humanismo também apresenta uma proposta explícita para um outro e novo humanismo

que não apenas renova a versão clássica mas também inaugura uma versão transmoderna, uma filosofia excêntrica e marginal, por um lado, e intercultural e global, por outro. Na visão de Sarkar, cuja perspectiva é tão oriental e tradicional quanto cosmopolita e contemporânea, estamos atualmente no limiar de uma nova era, a “era do Neo-humanismo”:

Então a nossa é a era do Neo-humanismo – o humanismo provendo elixir para cada um e para todos. Nós somos para todos, e com tudo existente temos que construir uma nova sociedade, uma sociedade Neo-humanista” (SARKAR, 1987, p. 221-222 [tradução livre]).

Assim como o chamado novo humanismo de Fanon caracterizaria uma nova humanidade “para si e para os outros”, o neo-humanismo de Sarkar seria “para cada um e para todos”. Enquanto o primeiro mira “o desenvolvimento e a invenção culturais”, o segundo visa “construir uma nova sociedade”. Finalmente, e guardadas as respectivas diferenças, ambos preveem a necessidade de “combate” ou “luta”, tanto exterior quanto interior, para o advento de uma “nova” cultura ou sociedade. Se para Fanon o combate é tanto físico quanto psicológico, pois além do uso de força para a emancipação do corpo há o emprego de esforço para a descolonização da mente, para Sarkar a luta é tanto espiritual quanto material, pois além da libertação da mente dos seus “inimigos” (*śadripu*) internos e das suas “amarras” (*aśtapasha*) externas há a revolução sócio-econômica e político-cultural. Em última análise, como afirma Sarkar: “lutar é a essência da vida”, enquanto a “paz é o resultado da luta” (ÁNANDAMÚRTI, 2016, p. 21 e 24).

De uma forma ou de outra, e assim como no humanismo, a formação cultural tem uma função significativa na sociedade neo-humanista idealizada por Sarkar, que criou um departamento na Ananda Marga especificamente voltado para a difusão da literatura e das artes: a Renaissance Artists and Writers Association (RAWA), cujo nome já remete ao humanismo renascentista. O próprio Sarkar pode ser considerado um “homem renascentista”, ou então um *homo universalis* (“homem universal”), pois além de discursar sobre a filosofia, linguística, psicologia, biologia, ecologia, sociologia, história, política, economia, etc. compôs uma coleção de mais de cinco mil canções chamada de *Prabhát Saṁgiita* (Canções da Nova Aurora), várias das quais abordam temas neo-humanistas. Inclusive, a terceira canção da série, a “Navyamánavatáder Giita”, é justamente a “canção do neo-humanismo”. No campo específico das artes e da literatura, Sarkar também aprofundou a denominada ciência supra-estética e discorreu

sobre a literatura (*sáhitya*), cuja característica seria o “caminhar juntos”, ou “mantendo-se lado a lado no curso da vida” (2016, p. 1). Para o filósofo indiano, um (neo-)humanista por excelência, a literatura não seria “uma criação do estrato superficial da vida social nem o encanto pitoresco de qualquer fantasia”, mas seria “o retrato real da vida — uma expressão externa dos mecanismos internos da mente — uma corajosa e poderosa expressão dos anseios oprimidos do coração humano”. Para fazer jus ao seu papel tanto artístico quanto social, a literatura deve assim “se manter num ritmo que dita o curso dinâmico da sociedade”. Mas ainda haveria outro modo de interpretar a palavra *sáhitya*, de acordo com Sarkar: “*sa + hita = hitena saha*, ou seja, ‘aquilo que coexiste para o bem-estar (*hita*)’”. Desse forma, a literatura seria uma arte “que conduz os seres humanos à verdade absoluta”, o que também aproxima o neo-humanismo transmoderno e descolonial do humanismo clássico e renascentista.



Além da criação cultural, o desenvolvimento social também é parte fundamental do neo-humanismo, cuja realização universal dependeria da implementação de uma nova teoria socioeconômica. Para esse fim, Sarkar concebeu o sistema revolucionário de PROUT, sigla para a Progressive Utilization Theory (Teoria de Utilização Progressiva), expressamente elaborada e propagada para a felicidade e o bem-estar de toda a humanidade. Idealizada como uma espécie de “terceira via” ou alternativa tanto ao capitalismo quanto ao comunismo, dois sistemas igualmente (neo)colonialistas e evidentemente defeituosos, a PROUT visa a “democracia econômica” e não apenas política através da “utilização máxima” e da “distribuição racional” de todo o potencial dos recursos do mundo e dos indivíduos e grupos que compõem a sociedade humana. Os princípios básicos da teoria estabelecem que as necessidades mínimas de determinada época deveriam ser garantidas para todos, que o eventual lucro deveria ser distribuído aos indivíduos de acordo com critérios de mérito, que o sucesso socioeconômico só deveria ser avaliado pelo aumento do padrão mínimo de vida e que

nenhum indivíduo deveria poder acumular nenhuma riqueza física sem o aval da sociedade (Cf. ÁNANDAMÚRTI, 2007).



Através de iniciativas como a RAWA e teorias como a PROUT, que efetivamente abordam e abarcam as ciências humanas e sociais, Sarkar assentou as bases para um *novo, outro* renascimento fundamentado no neo-humanismo, uma filosofia universalista que representaria não apenas uma revisão e reformulação, mas também uma renovação e superação do humanismo clássico, especialmente no que se refere ao referido pseudo-humanismo “distorcido”. Nas próprias palavras de Sarkar:

O que é Neo-Humanismo? Neo-Humanismo é o Humanismo do passado, o Humanismo do presente e o Humanismo em nova explicação – do futuro. Explicar “Humanidade” e “Humanismo” sob uma nova luz alargará o caminho do progresso humano – vai torná-lo mais fácil de trilhar. O Neo-Humanismo dará uma nova inspiração e fornecerá uma nova interpretação do próprio conceito de existência humana. Ele ajudará as pessoas a entenderem que os seres humanos, sendo os seres mais ponderados e inteligentes deste universo criado, terão de aceitar a grande responsabilidade de cuidarem de todo o universo – terão de aceitar que essa responsabilidade pelo universo inteiro cabe a eles. (2020, p. 93-94)

Assim como “não há nada novo sob o sol”, de acordo com o livro bíblico Eclesiastes, aparentemente não há nada de novo no neo-humanismo, definido por Sarkar como o próprio humanismo “em nova explicação e propagado em nova maneira”. No entanto, o neo-humanismo é claramente uma filosofia tão nova quanto antiga, que defende a extraordinariedade do ser humano e que aspira libertá-lo de “todos os sentimentos de inferioridade e defeitos”, assim o inspirando a construir um “novo mundo” (*Ibidem*, p. 94). Uma vez que se considere que o mundo atual se encontra em plena crise político-econômica e na beira de um catástrofe socioambiental iminente, e sem precedentes, há de reconhecer que “os seres humanos de hoje estão seguindo um caminho defeituoso” e que existe uma “necessidade urgente de uma mudança de rumo” (*Ibidem*, p. 98). Talvez

o “único remédio” seja mesmo o neo-humanismo, como afirma Sarkar, lato ou stricto senso. Ao reforçar que a essência humana é na verdade divina e não difere da essência animal, vegetal e mineral, o neo-humanismo então propõe que a mesma consciência, a mesma energia imaterial e transcendental, está presente e imanente em tudo, todas e todos, e que a sua base é o amor. Com esse discurso visionário e até revolucionário, o neo-humanismo definitivamente se configura como *outra* forma de conhecimento, um pensamento “outro”, a expressão renovada da epistemologia tântrica – ou da ciência de yoga milenar – a partir da qual foi concebido e elaborado como filosofia primordialmente espiritual, e profundamente mística:

[D]e acordo com o Neo-Humanismo, a meta definitiva e suprema é fazer com que o núcleo existencial individual da pessoa coincida com o Núcleo Existencial Cósmico (*nádabindu yoga*, na linguagem do *Tantra*). Como resultado, a ordem existencial inteira do ser unitário se torna uma com o Núcleo Controlador da ordem existencial da Entidade Suprema da ordem cosmológica – e esta será a mais elevada expressão do Neo-Humanismo. Essa posição neo-humanista não salvará apenas o mundo humano, mas também os mundos vegetal e animal. Nessa posição neo-humanista suprema, a Humanidade universal atingirá a culminação da sua existência. Então, nada será impossível aos seres humanos; eles serão capazes de fazer toda e qualquer coisa. (*Ibidem*, p. 100)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁNANDAMÚRTI, Shrii Shrii. **Ánanda Sútram**. Tradução de Pradip Deva e Mayajit. Ananda Marga, 2007.

ÁNANDAMÚRTI, Shrii Shrii. **Coletânea de Ananda Vanii**. Tradução e revisão de Mayajit e Ganesh. Brasília, DF: Ananda Marga, 2016.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, janeiro/abril 2016. p. 451-73. Tradução de Rodrigo de Freitas Espinoza. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/fanon/1961/condenados/index.htm>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, junho/2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.17666/329402/2017>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. **A liberação do intelecto** – Neo-humanismo. 2ª edição. Tradução de Mahadevii. Brasília, DF: Ananda Marga, 2020.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. A Prática da Arte e da Literatura. **A solução de alguns problemas**. Volume 1. Tradução de Marta Rodolfo Schmidt. Brasília – DF: Ananda Marga, 2016.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. **Neohumanism in a Nutshell: Part 2**. Calcutta: Ananda Marga Publications, 1987.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. **Prabha'ta Sam'giita** – Songs of Neohumanism. Calcutta: Ananda Marga Publications, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais** – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.